

Tempo de desventura na Terra de Mocamba

SÍLVIO FERRAZ

Ao sustentar a tese de que o Brasil deveria, na realidade, se chamar *Belíndia* — um país metade Bélgica, metade Índia —, o economista Edmar Bacha não só constatava disparidades de crescimento, renda e nível de vida entre dois Brasis diferentes convivendo no mesmo espaço geográfico. Ele também confortava os ricos, que se acreditavam no Primeiro Mundo para sempre, e idealistas, crentes de que um dia a metade Índia chegaria à metade Bélgica. Com isso, um happy end estava garantido. Os pobres, como não conheciam Bacha, muito menos sua teoria, continuavam marginalizados como sempre.

Hoje, não há mais certeza de eternidade, nem crenças impossíveis. O barco virou e quem define o novo nome do Brasil não é algum economista: é o departamento de marketing da Nestlé. Feita a constatação de que o Brasil não caminha rumo às Bélgicas da vida, mas em sentido contrário, os marqueteiros da Nestlé não hesitaram em rebatizá-lo com um nome claramente mais adequado ao atual estado das coisas. Nasceu Mocamba.

Nome do novo Nescafé, nos supermercados franceses, Mocamba cai como luva para o Brasil. O filme publicitário exibe de forma inequívoca a crescente integração e semelhança entre o Brasil e as nações africanas. Na primeira cena, avulta uma tribo africana em vigorosas pancadas nos tambores. Na seguinte, um brasileiríssimo bloco de carnaval em animadíssima batucada. Os ritmos se misturam. Aos poucos, o Brasil aproxima-se da

Africa e os protagonistas se encontram. A tanga do africano, espécie de fio-dental original e premonitório, se parece com o minúsculo calcão do folião. Os instrumentos se assemelham e a alienação a todos contagia. Surge a Terra de Mocamba.

Se o nome pegar, ficará mais fácil explicar aos leitores europeus a degringolada da economia brasileira, a corrupção, o governo que terminou antes de começar — notícias que encheram as páginas dos jornais europeus nos últimos dias. Fica mais fácil explicar como uma obscura assistente social do governo de Alagoas, Margarida Procópio, transformada em ministra — cujas “pernas têm dono” — consegue comprar por Cr\$ 197 milhões o apartamento mais caro de Maceió.

Ficará mais fácil explicar como US\$ 11 milhões da LBA deixam de irrigar obras de caridade e param nos bolsos da família Malta sem que nada aconteça. Ficará mais fácil explicar por que, ao contrário da Terra de Marlboro, é tempo de desventura na Terra de Mocamba.

Enfim, na Terra de Mocamba fica tudo mais fácil. Até corruptos ditadores africanos, com milhões de dólares depositados na Suíça, se sentiriam em casa na outra metade de Mocamba, do outro lado do Atlântico. Eles já viram que, pelo menos quanto a hábitos, costumes e ritmo, nada os diferencia. Portanto, nada têm a temer.

Para o europeu, no entanto, a imagem brasileira só começou a se esfarinhar há pouco tempo. Mesmo quando o brasileiro já percebia que seu destino se inclinava perigosamente mais para as bandas da Índia do que para os costados da

Bélgica, o europeu — assim como o “belga”, brasileiro — ainda cultivava a imagem do país do futuro: as dificuldades econômicas seriam superadas, a democracia vingaria e tudo se resolveria. Aos poucos, as boas notícias, ou mesmo as folclóricas, mas ainda não constrangedoras, deixaram os vídeos. Documentários sobre a Amazônia transformaram-se em monumentais peças acusatórias contra o descabro ecológico patrocinado e executado pelos próprios brasileiros. Filmes sobre a exuberância de seu litoral transmudaram-se em documentários sobre os pivetes do Rio. Uma nova imagem surgiu com contornos de Mocamba.

Um bruxo da publicidade francesa, Jacques Séguela, mostra-se pesaroso com a atual atitude de seus amigos (“belgas”) brasileiros. “Sempre foram orgulhosos de seu país e, hoje, estão envergonhados”, constata Séguela. “Isso é uma tragédia.” Não é um testemunho isolado. Os europeus que trabalharam no Brasil, e gostam do País, mostram-se infelizes com o que vêem. Robert Guerrini, ex-presidente da Ford do Brasil, com certeza já não dirá, como nos anos 80: “O Brasil é o único país capaz de fabricar um automóvel se todas as fronteiras forem fechadas. Tem tecnologia, matéria-prima e mão-de-obra qualificada.”

Convertido em Mocamba pela sensibilidade da teoria nestleniana e pela ação de seus governantes, o Brasil hoje exibe tecnologia obsoleta, parque industrial às portas da sucata e a mão-de-obra desempregada e esfaimada.

■ Silvio Ferraz é jornalista em Paris

20 NOV 1991

ESTADO DE SÃO PAULO